

**A PRESENÇA NEGRA NO CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO
FRANCISCO DE PAULA:
ENTRE ESCRAVIZADOS E PROTAGONISTAS**

Clarissa Grassi
Fundação Cultural de Curitiba

No alto da rua Trajano Reis, destaca-se o portal do Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Primeira necrópole curitibana, inaugurada em 1854, pelo então presidente de província, Zacarias de Góes e Vasconcellos, representou o ingresso da capital aos preceitos higienistas. Os mortos deixaram de coabitar com os vivos em igrejas e foram expulsos para fora do quadro urbano, afastando assim a proximidade com os miasmas e seu poder de contaminação.

A nova modalidade de sepultamento, em covas individuais e de uso perpétuo, inaugurou formas de representações para famílias constituírem a memória dos entes queridos. A ausência de um programa arquitetônico específico resultou na aplicação do modo construtivo da cidade dos vivos para a morada dos mortos. Entre seus muros, construções realizadas ao longo de mais de um século e meio de existência formaram camadas que reverberam a Curitiba dos séculos XIX, XX e XXI.

Essa coexistência de túmulos datados em períodos tão distintos criou vizinhanças em que trabalhos de marmoristas e escultores italianos contiguam a alvenaria recoberta por porcelanato. A arquitetura tumular apresenta mínimos, ou seja, padrões construtivos que, quando aglutinados, conformam a metáfora de bairros ao longo da necrópole.

A diversidade construtiva traz a cronologia desses mínimos arquitetônicos em dois grandes recortes. Sob a influência da religiosidade marcante no XIX, encontram-se as *sepulturas, estelas e oratórios*. A transição da secularização dos cemitérios, com o advento da República e o auge da burguesia ervateira, iniciou o século XX com a inserção de *jazigos capela, mausoléus e jazigos monumento*, em que monumentalidade reverbera a busca de distinção social e o desejo de eternização de linhagens. Mas, o crescimento da cidade e seu consequente adensamento, também refletiu no cemitério a necessidade de verticalização. Entram em cena os *túmulos verticalizados, racionais*, onde função pressupõe forma.

As referências arquitetônicas são múltiplas, tal qual Curitiba. Do Colonial Luso-Brasileiro ao Modernismo, contemplam-se também influências Ecléticas, Neocoloniais, Art Déco e Paranistas – no caso desta última, dois exemplares marcam o movimento: a arte de João Turin para o jazigo monumento de André de Barros, decorado com folhas de erva-mate, e a escolha da araucária como elemento decorativo do mausoléu de Achilles Stenghel. Referências já ausentes na cidade, mas que se mantém na necrópole.

Do traçado original, com pouco mais de 8 mil metros quadrados, aos 51.414 atuais, sua ocupação – ainda que não planejada – foi progressiva e linear. Dentre seus bairros, representativos dos da cidade de Curitiba, o *Centro Histórico*, à direita da entrada, reúne os exemplares mais antigos. Estelas e oratórios neogóticos em mármore refletem o tempo da morte burguesa, aclamada por historiadores da morte como Phillippe Ariès e Michel Vovelle, como período áureo da arte tumular.

Do lado oposto, o *Bairro Urbanizado* demonstra a preocupação com o planejamento da necrópole. Duas grandes superquadras passaram por um processo de “urbanização” entre 1940 e 1950, com abertura de ruas e quadras. Ao centro do cemitério, na área equivalente a ampliação do início do século XX, é marcante a presença de terrenos com até 107 metros quadrados. Assim como no bairro *Batel*, lá estão as mais suntuosas construções, albergando mausoléus ecléticos em que linhagens de políticos e ervateiros foram eternizadas em fachadas identificadas sob o nome do pai.

Na elevação do terreno surge a *Periferia*, afastada do *Centro*, onde a racionalidade impera em construções verticalizadas. Materiais e referenciais construtivos são contemporâneos, acompanhando a progressão da visão de morte. O que antes era vivido em família, hoje ocorre de forma privada, devidamente medicalizada e afastada do convívio dos vivos.

Resumo simbólico da sociedade

Apontados como “resumos simbólicos da sociedade”, por Ariès (1982), os cemitérios oferecem um campo vasto para a aplicação de modalidades de análises em diferentes áreas do conhecimento. Essa paisagem revela sem acanhamento ciclos migratórios e econômicos, a influência da religiosidade, a secularização do estado, mas, acima de tudo, a necessidade de se constituir uma memória para ser vista, ser lida e assim evitar o desaparecimento completo de nossos antepassados. Uma cidade dos mortos construída para os vivos.

Durante o trabalho de pesquisa para o livro *Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula* (2014), foi realizado um levantamento de campo para que fossem elencadas as personalidades negras inumadas neste cemitério. A intenção era promover o levantamento biográfico, possibilitando contemplar a população negra nos trajetos temáticos de arquitetura, geologia, arte tumular, empresários, intelectuais, músicos, políticos, artistas, personalidades e ritos e fé. Aqui apresentamos algumas das personalidades negras constantes na publicação:

Benedito Nicolau dos Santos (1878-1956)

Benedito Nicolau dos Santos nasceu em Curitiba, no dia 10 de setembro de 1878, filho de Manoel Gonçalves dos Santos e de Benedicta da Trindade Ribas. Realizou suas primeiras letras na Escola do Professor Cleto da Silva. Estudou na escola de Belas Artes do Paraná. Casou-se com Maria Luiza Curial Pelissari em 1906, com quem teve dez filhos. Durante os anos de 1906 e 1907, foi para o Rio de Janeiro trabalhar na Alfândega, quando teve aulas de música com o maestro Chevallier Darbilli. Foi pianista, violinista, violoncelista e compositor.

Ainda em 1907, retornou ao Paraná após ter sido promovido a primeiro escriturário de Alfândega em Paranaguá. Nesta cidade, criou uma pequena orquestra para dar continuidade aos seus estudos e atuação de musicista. Mais tarde, fixou sua residência em Curitiba, dedicando-se às pesquisas sobre música.

Em 1929, participou da fundação e organização do Círculo de Estudos Bandeirantes, cujo objetivo era a preservação da cultura e intelectualidade do Paraná. Foi membro da Academia Paranaense de Letras, do Centro de Letras do Paraná, membro do Conselho de Defesa do Patrimônio do Paraná, do Instituto de Musicologia de Montevidéu, além de ocupar, em 1945, a cadeira número 19 da Academia Brasileira de Música, fundada por Villa-Lobos.

Fundou os periódicos *O Vigilante* em Paranaguá e *O Cruzeiro*, em Curitiba, colaborando também nas revistas simbolistas *O Sapo* e *Azul*. Escreveu várias obras literárias nas mais diversificadas áreas como Musicografia, História, Poesia, Filosofia e Teatro, além de 200 duzentas peças musicais, entre tangos, schottisch, valsas, polcas, operetas e peças religiosas.

Sua opereta, *A Vovozinha* (1909), foi a primeira peça de história infantil do Brasil, tendo sido escrita por Emiliano Perneta e musicada por Benedito. No campo da

Musicografia, escreveu os livros *Sonometria e Música* com 4 volumes, *A Pauta sinfônica*, *A Pauta sintética*, *Tertúlias musicais* e *Cantigas da infância*. Na criação musical, a já citada *Vovozinha*, e as demais operetas *Rosa vermelha* e *Pequena cantora* e nas peças teatrais *Erros do coração*, *O Homem de saias* e *Lição de amiga*. Faleceu em 1956, aos 77 anos.

Enedina Alves Marques (1913-1981)

Enedina Alves Marques nasceu em Curitiba, no dia 5 de janeiro de 1913, filha de Virgílio Alves Marques e de Paulo Marques. Seus pais, de origem humilde, vieram para Curitiba em busca de melhores condições de vida. Sua mãe trabalhava como doméstica e lavadeira para auxiliar na renda da família.

Quando seus pais se separaram, Dona Duca, como era conhecida a sua mãe, foi junto com alguns de seus filhos, entre eles Enedina, trabalhar e morar na casa de uma família. A adolescência de Enedina foi dividida entre trabalho doméstico em casas de famílias durante o dia e estudos, iniciados aos 12 anos, sempre no período da noite. Em 1926, ingressou na Escola Normal Secundária, onde diplomou-se normalista em 1931.

Assumiu o cargo de professora do ensino da rede pública, ministrando aulas em escolas de São Mateus do Sul, Cerro Azul, Rio Negro e Curitiba. Em função disso, no período de 1932 a 1935, interrompe as atividades como doméstica. Retornou às salas de aula entre 1935 e 1937, para obter a capacitação de três anos exigida pelas novas determinações da lei de educação do Estado.

Passou a trabalhar na residência de uma família. Em 1938, iniciou o curso de Pré-Engenharia. Emprestava os livros de colegas e varava a noite copiando o conteúdo a mão livre, porque não tinha condições de comprar os livros. Mas, mesmo com todas as dificuldades, terminou o preparatório em 1939 e fez a solicitação de próprio punho para prestar os exames necessários e ingressar na Faculdade de Engenharia do Paraná.

Em 1940, iniciou sua trajetória acadêmica, que culminaria em 1945, aos 32 anos, com sua formatura na Universidade do Paraná. Enfrentou preconceitos, reprovações, dificuldades financeiras, mas venceu. Tornou-se a primeira mulher negra engenheira do sul do Brasil, e muito provavelmente, do país.

Ocupou vários cargos significativos: funcionária da Secretaria de Obras Públicas como engenheira fiscal, chefe da seção hidráulica, chefe de divisão de estatísticas e chefe

do serviço de engenharia da Secretaria de Educação e Cultura. Participou do levantamento topográfico da Usina Capivari Cachoeira, além de participar da construção da Usina Parigot de Souza. Aposentou-se na década de 1960 como procuradora por ter prestado inúmeros serviços para o desenvolvimento da autonomia elétrica do estado.

Seu trabalho como engenheira e a superação de vários obstáculos sociais e raciais foram reconhecidos por meio de várias homenagens como o Instituto Mulheres Negras de Maringá que leva o seu nome, bem como uma rua na capital paranaense, além de um centro de educação infantil. Faleceu no dia 20 de agosto de 1981.

Maria Nicolas (1899-1988)

Maria Nicolas nasceu em Curitiba, no dia 10 de setembro de 1899, filha do imigrante francês Alyr Léon Nicolas e da brasileira Josepha Nicolas. Seu pai trabalhou durante muitos anos no Teatro Guaíra, ambiente onde teve a oportunidade de assistir a diversas peças, recitais, despertando seu interesse pela poesia e pelo teatro. Aos treze anos já lecionava, mas concluiu a Escola Normal aos 17 anos.

Formada, lecionou em diversas escolas da capital e outras cidades do estado, sendo responsável pela formação de centenas de alunos ao longo de mais de trinta anos de dedicação ao magistério. Mulher de múltiplos talentos, Maria foi também escritora, novelista, contista, teatróloga, historiadora, pesquisadora e pintora. Ganhou notoriedade por meio das pesquisas realizadas para suas publicações que abordam a trajetória das principais personalidades políticas e históricas do Paraná, consulta obrigatória para pesquisadores.

Foi integrante da Academia de Letras José de Alencar, do Centro de Letras do Paraná e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Recebeu diversas homenagens, entre elas a de Vulto Emérito de Curitiba. Formou-se pedagoga aos 51 anos. Persistiu e resistiu a todas as dificuldades impostas, mesmo sendo uma mulher pobre, negra, separada e espírita. Sua obra e sua trajetória merecem todo nosso deferimento.

Entre suas publicações estão: *E as rosas morreram...* (1934), *Porque me orgulho de minha gente* (1936), *Tornamos a viver* (1936), *Amor que redime* (1938), *Meus apontamentos, ensino de verbos* (1946), *Vultos paranaenses* (1951), *Cem anos de vida parlamentar: deputados provinciais e estaduais do Paraná* (1954), *Páginas escolhidas: leitura intermediária para adultos e adolescentes* (1956), *Vultos paranaenses* (1958), *Trovas* (1962), *O Paraná de Antanho* (1964), *Estórias para Lasinha* (1965),

Almas das ruas (1969), *Inverno florido* (1970), *Sete artigos* (1971), *Teatro Infantil* (1971), *Páginas curitibanas* (1973), *Impressões de viagem: excursão a Manaus* (1973), *Apenas um livro: poesias* (1975), *Pioneiras do Brasil - Estado do Paraná* (1977), *O Paraná na Câmara dos Deputados (1853-1977)* (1977), *Trovas do bem fazer* (1977), *O porque dos meus livros: ano áureo em literatura* (s/d), *O Paraná no Senado* (s/d), *Homenagem ao Estado do Paraná no 125º aniversário de emancipação política, 1853-1978* (1978), *Fragmentos Históricos - no 90º Ano da Proclamação da Republica* (1979), *O preço de um segredo: alta comédia* (1980), *Sertanista do Paraná: os esquecidos* (1981), *Loto infantil* (1983), *Noções de moral, civismo e civilidade* (1984), *130 anos de vida parlamentar paranaense: 1854-1984* (1984), *Coração infantil, viveiro infantil* (1984). Morreu em 3 de junho de 1988.

Maria Bueno (1864-1893)

Na madrugada do dia 29 de janeiro de 1893, uma mulher foi encontrada morta em um terreno da rua Campos Gerais, atual rua Vicente Machado. O jornal A República noticiou o fato apontando que a necropsia realizada indicou a causa da morte como uma quase decapitação. A vítima era uma mulher de nome Maria Bueno. A matéria indicava que o chefe de polícia já procedia ao devido inquérito e apontava como suposto autor do crime o soldado do 8º Regimento de Cavalaria Ignácio José Diniz que, na noite do crime, estava de guarda e havia fugido à meia-noite, só retornado às 4 horas da madrugada. Relatava que o praça estaria amasiado com Maria e que queria casar-se com ela.

O Diário do Comércio também noticiou o crime, falando que Maria Bueno, uma mulher parda, “dessas mulheres de vida alegre, mas inofensiva” teria sido vítima de uma decapitação completa e que apresentava cortes profundos em suas mãos, ferimentos de defesa de uma “tremenda luta com o assassino”. Essas foram as primeiras informações veiculadas pela imprensa curitibana sobre “um crime tal, nunca visto nestas plagas”, conforme noticiou o jornal A Federação. Na sequência destas matérias, outras mais foram veiculadas pelo jornal A República, informando de forma espaçada as descobertas realizadas durante a investigação e o andamento do processo. Os demais jornais não voltaram a tocar no crime.

Em maio do mesmo ano, o jornal A República apontou em uma matéria que peças de roupa manchadas de sangue e pertencentes ao anspeçada Diniz foram encontradas no poço do 8º Regimento, junto com um punhal. Quem foi Maria Bueno? Como teria sido

sua vida pregressa à tragédia do dia 29 de janeiro? À imprensa da época não coube tal curiosidade.

Na edição de julho do mesmo ano, A República noticiou o julgamento de Diniz, absolvido por 11 votos a 1 do crime de assassinato. A falta de unanimidade entre os jurados e o apelo da promotoria manteve Diniz preso. Durante a Revolução Federalista, após a tropa de Gumercindo Saraiva chegar a Curitiba, seus homens abriram as celas libertando os presos. Diniz teria sido um deles, que ganhou então a liberdade. Mas, após assassinar um comerciante para roubar uma mula, foi reconhecido e delatado a Gumercindo.

Especula-se que Diniz teria sido uma das vítimas de fuzilamento no Cemitério Municipal, mas há a versão de que sua morte teria ocorrido no próprio quartel. No livro de registros do cemitério existem os dados de “dois soldados fuzilados no 8º regimento de Cavalaria no dia 24” e de um soldado, Paulo de Azevedo, fuzilado no muro do cemitério, no mesmo dia em abril de 1894. Entretanto, nenhum deles trata-se do soldado Diniz.

As informações sobre a vida pregressa de Maria Bueno só começaram a ser alvo de especulação muitos anos após sua morte. Euclides Bandeira (1941), Sebastião Isidoro Pereira (1948), Octavio Secundino Junior (1996) e Vera Irene Jurkevics (2004) abordaram sua vida, na forma de conto, biografia e tese, respectivamente e é a partir destes estudos que seus dados biográficos.

Os relatos dos jornais indicam que ela seria amásia de seu algoz, o soldado Ignácio José Diniz. As pesquisas posteriores a sua morte indicam que teria sofrido um assédio por parte do rapaz e que teria morrido defendendo sua honra. O crime bárbaro, ao ser noticiado, levou muitas pessoas no local do assassinato, onde foi erigida uma cruz de madeira. Velas que não se consumiam ou o aparecimento de rosas vermelhas no local se difundiram. Seu túmulo também passou a ser visitado.

O que consta no livro de sepultamentos é que Maria Bueno, de origem desconhecida, parda, com 30 anos de idade (o que divergiria do nascimento em 1864), morta por hemorragia decorrente de ferimento no pescoço, estado civil em branco, foi enterrada gratuitamente a pedido da polícia, sob a placa 3903. A sepultura era próxima ao atual cruzeiro das almas.

A atual sepultura, para onde os restos foram transladados em 1961, ora é noticiada como paga de promessa, ora como uma iniciativa da Irmandade Maria da Conceição Bueno. Devotos encabeçados por Arnaldo Azevedo, falecido em 1983, teriam recebido

orientações durante uma sessão espírita sobre como a construção deveria ser feita e a confirmação de que a foto que Arnaldo buscou em Paranaguá representava mesmo Maria Bueno. Teria sido a partir dessa foto que a imagem de Maria Bueno foi consagrada. Nas imagens, ela usa um tipo de tailleur azul, cabelos curtos, pele clara e em muitas delas aparece com os olhos azuis.

A ausência de informações sobre sua biografia não foi impeditivo para que Maria Bueno fosse sagrada pela população como um tipo de intercessora da população curitibana. Na parede em frente à construção, centenas de ex-votos cobrem a parede até o velório, junto ao muro, agradecendo pelas graças alcançadas pelo intermédio da milagreira Maria Bueno. Dezenas de visitantes passam pelo local diariamente, cuja capela é aberta diariamente por membros da Irmandade Maria Bueno.

Vicente Moreira de Freitas (1856-1926)

Vicente Moreira de Freitas nasceu na cidade de Curitiba, filho de Mathildes, ambos escravos de João José de Freitas. Somando-se as informações de seu registro de sepultamento, que acusa o falecimento aos 69 anos, e as congratulações sobre seu aniversário veiculadas em jornais da época, teria nascido em 14 de julho de 1856.

Em 1869, com a morte de João José de Freitas, Vicente, então avaliado em 400 mil réis, passou a ser propriedade de João Moreira de Freitas. Em 1883, sob as bênçãos de Francisco Vidal (que mais tarde seria o primeiro presidente da Sociedade 13 de Maio) e João Bernardo (outro futuro sócio emérito) casou-se com Olympia D`Assumpção, com quem teve cinco filhos, quatro mulheres e um homem.

No ano de 1884, após 27 anos de escravidão, Vicente foi libertado pelo fundo de emancipação e adotou o sobrenome do senhor, passando a ser chamado de Vicente Moreira de Freitas. Participou junto com seu antigo senhor da reforma da Igreja Matriz até meados de 1887, quando foram substituídos pela equipe do construtor alemão Henrique Henning.

Fez parte da Guarda Nacional, assim como participou diversas vezes de tribunais de júri. Sua história está entrelaçada com a fundação do segundo clube para negros do Brasil. Vicente foi o mentor da criação do Clube 13 de maio, uma associação destinada exclusivamente às pessoas negras, com o objetivo de agregar ex-escravos ajudando-os de forma mútua com auxílio médico-hospitalar, financeiro, educativo, social e funeral.

A intenção era formar um fundo conjunto com as contribuições de seus associados garantindo, assim, o mínimo de segurança a associados e de forma extensiva aos seus familiares. Assim, no dia 3 de maio de 1888, dez dias antes da assinatura Lei Áurea, um grupo de ex-escravos se reuniu na casa do oficial de justiça João Batista Gomes de Sá, também negro, formando a diretoria provisória do clube, com Vicente como tesoureiro, Hilário Munhoz como presidente, Manoel Pereira dos Santos como primeiro-secretário, Norberto Garcia e João Bernardo como agenciadores de sócios. Em junho do mesmo ano, foi oficializada a eleição da diretoria.

Vicente também pertencia à Irmandade de São Benedito. Além de participar da criação do Clube 13 de maio, no qual ocupou o cargo de presidente entre 1912 e 1915, foi vice-presidente da Sociedade Protetora dos Operários de 1903 a 1904 e de 1915 a 1919. Atuou também como conselheiro fiscal em 1907. A Sociedade Protetora dos Operários foi fundada por meio da iniciativa do pedreiro Benedito Marques. Além destes cargos, Vicente foi vice-presidente do Clube 15 de Novembro. Faleceu em 7 de abril de 1926, aos 69 anos. A atual Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio encontra-se em funcionamento até os dias de hoje, trazendo uma programação cultural e musical, aberta a toda população.

A importância da continuidade da pesquisa

Ao longo de cento e sessenta e três anos de existência e cerca de 80 mil sepultamentos o Cemitério Municipal São Francisco de Paula foi espaço para o sepultamento de escravizados, forros, libertos, pardos, indígenas, imigrantes. Infelizmente, em função das modificações realizadas em seu traçado ao longo dos anos e das modalidades de sepultamentos temporários adotados até metade do século XX, muitas destas sepulturas foram perdidas, impossibilitando uma análise de prováveis hierarquias empregadas nas formas de sepultamento.

A documentação é escassa, muitas vezes apontando a presença do sepultamento, sem que haja qualquer informação sobre sua localização, já que as quadras do cemitério foram numeradas somente no ano de 1907. Entretanto, há um vasto número de trajetórias a serem redescobertas entre seus muros. Personalidades que estiveram envolvidas com irmandades, associações, clubes operários, profissionais cujas trajetórias foram pioneiras em suas áreas e que colaboraram direta ou indiretamente para a construção da história da cidade de Curitiba.

Fontes

Jornal *A Notícia*
Jornal *A República*
Jornal *Dezenove de Dezembro*
Jornal *Gazeta do Povo*
Jornal *O Comércio*

Bibliografia

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte.** Vol. 1, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

Ferrarini, Sebastião. **Círculo de Estudos Bandeirantes documentado.** Curitiba: Champagnat, 2011.

FREITAS, Nei Luiz Moreira de; HOSHINO, Thiago. **Trajetória Vicente Moreira de Freitas.** No prelo. 2017.

GRASSI, Clarissa. **Guia de Visitação ao Cemitério Municipal São Francisco de Paula:** arte e memória no espaço urbano. Curitiba: A autora, 2014.

_____. **Memento Mortuorum:** Inventário do Cemitério Municipal São Francisco de Paula. Curitiba: Clarissa Grassi, 2016.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os Santos da Igreja e os Santos do Povo:** devoções e manifestações de religiosidade popular. Tese curso de Pós-Graduação em História, UFPR, 2004.

NICOLAS, Maria. **Vultos Paranaenses.** Paraná: [s.n.], 1958

SANTANA, Jorge Luiz. **Rompendo barreiras:** Endrina uma mulher singular. 2013. 73 f. Monografia – Curso de História – Memória e Imagem, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Maria Bueno, santa de casa.** Curitiba: Edição da autora, 2011.